

## O CONCEITO DE REGIÃO E O DESENVOLVIMENTO REGIONAL.

VINICIUS LACERDA PINTO<sup>1</sup>; ELAINE GARCIA DOS SANTOS<sup>2</sup>; ALISSON EDUARDO MAEHLER<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Mestrando PPGDTSA UFPel – viniciuslacerda.geo@gmail.com

<sup>2</sup> Mestranda PPGDTSA UFPel – elainezitzke@gmail.com

<sup>3</sup>Orientador – Prof. Dr. FAT/PPGDTSA UFPel – alisson.maeher@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

Atualmente o debate acerca do conceito de desenvolvimento é bastante rico no meio acadêmico, principalmente quanto à distinção entre o que é o desenvolvimento propriamente dito, seus meios e fins. Bem como, o melhor modo de operacionalizar estratégias e políticas públicas a fim de alcançar os resultados esperados por essas concepções.

A temática do desenvolvimento ganha força a partir do período pós-II-guerra, com a criação da Organização das Nações Unidas e a formulação da carta das Nações Unidas, divulgada, em abril de 1945, na Conferência de São Francisco. Desde 1945 até hoje, o conceito de desenvolvimento adquire consecutivos revezes passando desde a busca desenfreada pela industrialização e pelo desenvolvimento econômico focado unicamente no crescimento do PIB (Produto Interno Bruto); A preocupação do chamado Clube de Roma na década de 1960 apontando os limites do crescimento e defendendo um desenvolvimento sustentável, até perspectivas que focam prioritariamente nas subjetividades do sujeito e meios para atingir uma maior qualidade de vida, justiça social e autonomia.

Contudo, assim como existem diferentes perspectivas de desenvolvimento, há diferentes recortes espaciais que podem ser aplicados a sua operacionalização, como as abordagens de Desenvolvimento regional e Desenvolvimento Territorial.

Contemporaneamente a abordagem territorial vem despertando cada vez mais o interesse de pesquisadores do tema, assim como utilizada como ferramenta balizadora para as políticas públicas voltadas ao desenvolvimento participativo com fins sociais. O interesse por essa abordagem segundo Scheneider (2004), deve-se a três fatores que foram fundamentais para se sobrepor a ideia de desenvolvimento regional.

Primeiramente os limites da noção de região como unidade de referência para se pensar as ações e políticas públicas destinadas à promoção do desenvolvimento se esgotaram. A concepção de novos critérios de julgamento e à avaliação do que pode ser definido como desenvolvimento (sustentabilidade, qualidade de vida) não são mais comportadas pela região. E por último o questionamento da dinâmica setorial de ramos da atividade econômica que passaram a se desenvolver muito mais a partir de uma lógica de integração entre os diferentes setores.

Contudo, torna-se latente uma questão: Quais os conceitos de região estão por trás da abordagem regional? A priori, é possível observar na literatura sobre o tema que o conceito de região comumente utilizado refere-se unicamente a divisão regional promovida por órgãos públicos ou agências intergovernamentais como a divisão regional feita pelo IBGE, IPEA, ONU, CEPAL, etc.

Dito isto, este trabalho tem como objetivo fazer uma breve revisão teórica do desencadeamento do conceito de Região aplicado ao desenvolvimento.

## 2. METODOLOGIA

Este trabalho amparou-se por uma breve revisão teórica do desencadeamento do conceito de Região. Primeiramente fazendo um balizamento do conceito ao longo do tempo e posteriormente apontando a operacionalização e possíveis limitações.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo Gomes (1995) o uso do termo região remonta primeiramente as regiões do império romano, ou seja, áreas que dispunham de uma administração local mas ainda estavam sujeitas as regras e leis da magistratura sediada em Roma. Sua origem vem do radical latino *reg*, o mesmo de palavras como regente, regência, apontando o caráter funcional e administrativo do termo, em suma, visto como uma área sobre a regência de algo.

No decorrer da história, o conceito foi tratado por vários campos do conhecimento científico, Gomes (1995) reconhece que não somente a geografia como ciência do espaço tem se utilizado do termo região, mas ciências como a biologia, a geologia e a própria economia interessam-se pelo tema.

Um dos primeiros estudos científicos abordando a temática na economia foi Von Thünen, na primeira metade do século XIX, em seu estudo sobre o modelo de localização agrícola. O autor levava em conta em seu modelo uma área circular plana, quase totalmente homogênea, cujo centro era ocupado por uma cidade (mercado para os produtos agrícolas), circundada de círculos concêntricos com produtividades homogêneas onde localizavam-se as unidades produtivas. Pôr o modelo agregar uma série de unidades produtivas com um mercado comum em uma localização delimitada podemos ver o conceito embrionário de região de forma implícita como destaca Breitbach (1988).

Na sequência na década de 1920 e 1930, Walter Cristaller avança na problemática do conceito ao buscar compreender como os núcleos urbanos desenvolveram-se o autor não se atem somente as cidades mas com a dinâmica do seu entorno. Para tal feito define e elabora os conceitos de centralidade, região complementar e hierarquia que compõem a base de sua Teoria do Lugar Central.

Outro ponto importante da obra de Cristaller para o conceito de região é a noção de hierarquia, admitindo a possibilidade de certas regiões desenvolverem-se mais do que outras e possuírem poder de influência uma sobre as outras.

Dando sequência, nos pós II Guerra, o economista francês François Perroux, ao analisar a relação entre as atividades econômicas e o espaço. Desenvolve a teoria dos Pólos Industriais de Crescimento, regiões surgidas em torno de aglomerações urbanas ou comerciais significativas ou ainda próximas a importantes fontes de matérias-primas ou áreas agrícolas importantes.

Nesta perspectiva o polo tem uma forte identificação com o espaço em que está situado, uma vez que é produto das economias de aglomeração geradas pelos complexos industriais, liderados pelas indústrias motrizes.

Ficando evidente a relação com a conceituação de região:

Com esse enfoque, baseado na noção de polo de crescimento, Perroux chega a elaborar algumas considerações sobre região, quando trata da empresa motriz e da região motriz (Capítulo V, da obra citada). Suas formulações indicam que a região seria a área de influência de um polo de crescimento, ou seja, a localização de um conjunto de atividades, com suas relações, seus fluxos, suas subpolarizações. (BREITBACH,1988)

Na geografia, a discussão do conceito de região tinha como premissa pressupostos da Geografia Tradicional sendo a região vista como uma unidade espacial autônoma e autossuficiente. Nesse contexto duas principais concepções de região foram edificadas: a de Região Natural, a qual foi influenciado pela concepção determinista e a de Região Geográfica que se edificou sob a influência da concepção possibilista de Vidal de La blache (GOMES, 1995). Neste contexto o papel do pesquisador é o de descrever as características destes espaços, tendo esta forma de abordagem influenciado diretamente as concepções de divisão regional do IBGE, uma vez que os primeiros geógrafos a atuar e desenvolver a questão no Brasil eram franceses (Pierre Monbeig e Pierre Deffontaines), discípulos de La blache.

Mais adiante, Milton Santos, geógrafo, aponta a importância do estudo de região na atualidade, uma vez que a medida que a globalização avança torna mais marcante as características de cada região. Para o autor as regiões não são autônomas e isoladas, mas em constante inter-relação entre o regional e o global. Tendo como papel o estudo regional “apontar as diferentes maneiras de um mesmo modo de produção se reproduzir em distintas regiões do globo” (SANTOS, 1997)

Por fim, Rogério Haesbart, em “Região, diversidade territorial e globalização” faz importantes apontamentos sobre o desenvolvimento do tema região, defendendo a necessidade da atualização do conceito no estágio atual de globalização levando em consideração a complexidade muito maior na definição dos recortes regionais. Para o autor o conceito de região não deve ser visto como apenas um recorte espacial para a compreensão de um determinado fenômeno, nem tão pouco estritamente ligado a apenas a realidade do local sem perceber suas relações com os fenômenos fora da região.

A região enquanto conceito, na interação sujeito-objeto, não pode cair nem na visão de região como algo auto-evidente a ser “descoberto” (seja como realidade “natural”, seja como “algo vivo percebido pelos homens”) nem como simples recorte apriorístico, definido pelo pesquisador com base unicamente nos objetivos de seu trabalho. Assumimos aqui a posição, já comentada, da região enquanto conceito, veículo de interpretação do real, e regionalização enquanto instrumento de investigação, de forma análoga ao método de periodização dos historiadores. (HAESBART, 1999)

Haesbart ainda aponta que a definição do recorte regional não deve ser meramente abstrata, mas utilizar características comuns deste espaço geográfico para a delimitação.

Região, enquanto conceito, não deve entretanto ser vista como uma simples idéia lançada pelo geógrafo como uma rede produzida na e para a sua teoria regional. Esta “rede” apreende características efetivamente existentes. A região não é apenas uma construção intelectual, ela também é efetivamente construída pela atividade humana (SMITH, 1988), em sua constante produção da diversidade. (HAESBART, 1999)

#### 4. CONCLUSÕES

Conclui-se que é possível classificar o conceito de região aplicado ao desenvolvimento em dois grandes grupos: Um mais próximo a concepção tradicional de região ligado a descrição, classificação e hierarquização de determinadas parcelas do espaço. Cuja lógica prevalecem as relações endógenas de produção e desenvolvimento. E outro grupo ligado ao conceito contemporâneo de região, dando destaque a dialética entre o local e global, sendo a região um recorte espacial estabelecido pelo pesquisador ou agente do desenvolvimento a

fim de delimitar uma parcela do espaço que apresente um fenômeno ou características materializadas que possibilitem ações de desenvolvimento em comum.

Assim sendo, o desenvolvimento regional tendo como base o sentido tradicional do termo, se ocupa de descrever o estágio de desenvolvimento de cada região, compará-los e tentar compreender processos endógenos que apresentam resultados satisfatórios em determinadas regiões e aplicar em outras que estejam em posição menos favorável. Um problema desta abordagem é o fato da região ser definida de acordo com uma classificação estanque (atividade econômica predominante por exemplo), desconsiderando a heterogeneidade do local não levando em conta particularidades que podem ser muito importantes para o desenvolvimento daquele espaço.

Já o desenvolvimento regional tendo por base a ideia contemporânea de região tende a apresentar vantagens. Nesta concepção os fenômenos que acontecem na região não são decorrentes apenas de fatores endógenos, mas de uma relação dialética entre ações intra-regionais e o resto do mundo. Possibilitam uma maior flexibilidade no recorte espacial e uma grande aproximação com a realidade, uma vez que o pesquisador pode definir a região tendo por base um fator comum do cotidiano daquele espaço (como por exemplo o sentimento de apropriação cultural dos indivíduos que ali vivem) garantindo dinâmicas mais inclusivas de desenvolvimento.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BREITBACH, A.C.M. **Estudo sobre o conceito de região.** Porto Alegre: Fundação e Economia e Estatística, 1988.
- COMUNIDADES EUROPÉIAS. **A abordagem LEADER: Um guia básico.** Luxemburgo: Serviço de publicações oficiais da Comunidade Européia, 2006.
- CONTEL, F. B. **As Divisões Regionais do IBGE no século XX (1942, 1970 e 1990).** Terra Brasilis. Nova Série, n. 3, 2014.
- GOMES, P.C. (1995) **O conceito de região e sua discussão.** In Geografia: Conceitos e Temas. CASTRO, I.E., GOMES, P.C.C. e CORRÊA, R.L. (orgs.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- HAESBAERT, Rogério. **Região, diversidade territorial e globalização.** Niterói: DEGEO/UFF, 1999.
- MOREIRA, R. **Pensar e ser em Geografia.** São Paulo: Contexto, 2007
- SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção.** São Paulo: Hucitec, 1997.
- SANTOS, Milton. **Metamorfose do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia.** São Paulo: Hucitec, 1996.
- SACHS, Ignacy. **Estratégias de transição para o século XXI: desenvolvimento e meio ambiente.** São Paulo: Nobel, 1993.
- SACHS, Ignacy. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável.** Rio de Janeiro: Garamond, 2002.